

## PERFIL DOS DISCENTES DE GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ: ANÁLISE QUANTO À FAIXA ETÁRIA, GÊNERO, MODALIDADE DE CURSO E SISTEMAS DE COTAS<sup>1</sup>

Jean Lucas Vinhas Medeiros<sup>2</sup>

O curso de Geografia<sup>3</sup> da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), historicamente, sempre realizou diversos tipos de avaliações, desde seu processo de construção até os dias atuais. Seu Colegiado fez amplo levantamento sobre os ingressos e egressos da licenciatura para construção do Projeto Político Pedagógico implantado em 2004. Além disso, a Assessoria de Planejamento da UESC (Asplan) realiza, anualmente, pesquisas dessa natureza, tendo como produto uma publicação anual envolvendo todos os cursos da instituição. O material está disponível na página da internet <[http://www.uesc.br/asplan/index.php?item=conteudo\\_acoeseoprojetos.php](http://www.uesc.br/asplan/index.php?item=conteudo_acoeseoprojetos.php)>. Tais dados, porém, sistematizados e manipulados, não foram encontrados nos arquivos do Diretório Acadêmico de Geografia Maria Conceição Ramos de Oliveira (DAGEO M<sup>a</sup>CRO). Em função disso, o atual trabalho configura-se de extrema importância no sentido de se obter informações diversas sobre os discentes de Geografia da UESC, tornando-as públicas para a comunidade acadêmica em geral.

O objetivo da pesquisa consiste em publicar os resultados do I Censo Geográfico da UESC, realizado pelo Colegiado e pelo DAGEO M<sup>a</sup>CRO (gestão 2011/2012: por uma outra representatividade), no dia 25 de abril de 2012, em todas as turmas do curso.

O Censo Geográfico sempre foi o anseio de gestões pretéritas do DAGEO M<sup>a</sup>CRO; o projeto, porém, nunca “saiu do papel” devido aos diversos problemas apresentados na realização dele. De 19 a 23 de setembro de 2011 (período de propaganda e campanha eleitoral em geral para a gestão 2011/2012), uma das muitas propostas apresentadas aos discentes pela chapa “Por uma outra

representatividade” foi a execução desta pesquisa.

Assim, como proposto e planejado, nos dias 4, 11 e 18 de abril de 2012, foram realizadas reuniões ordinárias destinadas à organização do Censo, obedecendo ao calendário DAGEO M<sup>a</sup>CRO – gestão 2011/2012. Baseando-se na sugestão de questionário previamente elaborado pela Coordenação Geral Executiva, todos os presentes tiveram direito a voz e voto no sentido de excluir, acrescentar ou editar qualquer uma das perguntas apresentadas. Concluídas, no dia 25 de abril de 2012, foram aplicados, pela diretoria, em todas as turmas do curso de Geografia da UESC, 160 questionários.

Sabendo-se que o total de alunos matriculados no curso de Geografia é de 301 discentes (Secrege, 2012), e baseando-se no cálculo amostral desenvolvido por Santos (2012), desejando um erro amostral de 5% e nível de confiança de 90% numa população de 301, a amostra necessária é de 143 questionários, ultrapassando, assim, o número dos que foram aplicados, o que indica um elevado grau de confiabilidade da pesquisa realizada. Segue abaixo a fórmula de cálculo utilizada (FIGURA 1).

FIGURA 1 – Fórmula do cálculo amostral

$$n = \frac{N \cdot Z^2 \cdot p \cdot (1 - p)}{Z^2 \cdot p \cdot (1 - p) + e^2 \cdot (N - 1)}$$

Fonte: <[www.calculoamostral.vai.la](http://www.calculoamostral.vai.la)>. Legenda: n – amostra calculada; N – população; Z – variável normal padronizada associada ao nível de confiança; p – verdadeira probabilidade do evento; e – erro amostral. Nota: Elaborada a partir de dados do trabalho de Santos (2012).

Obedecendo-se a distribuição dos intervalos de classes referentes às faixas etárias pré-estabelecidas pelo Ins-

tituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e adaptando-as à realidade evidenciada nos resultados da pesquisa, obtiveram-se os seguintes produtos:

TABELA 1 – Planilha demonstrando a quantidade de discentes em cada intervalo de classe das faixas etárias

Faixa etária	Quantidade de discentes
17-21	61
22-26	57
27-31	22
32-36	9
37-41	6
42-46	3
47-51	2
Total	160

Fonte: I Censo Geográfico da UESC, 2012.

Baseando-se nos dados obtidos relacionados à faixa etária dos discentes do curso de Geografia da UESC (TABELA 1), e obedecendo ao cálculo de média de Sýkora (2009), obteve-se uma média – eq. (1) – de idade de 24 anos (TABELA 2).

TABELA 2 – Planilha demonstrando a organização das faixas etárias por intervalos de classes

i	Faixa etária	fi	xi	xifi
1	17-21	61	19	1159
2	22-26	57	24	1368
3	27-31	22	29	638
4	32-36	9	34	306
5	37-41	6	39	234
6	42-46	3	44	132
7	47-51	2	49	98
		Σ = 160		Σ = 3935

Fonte: I Censo Geográfico da UESC, 2012.

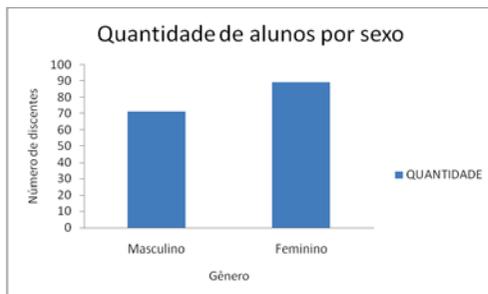
Nota: Fórmula para cálculo de média.  $x = (\sum xifi) \div (\sum fi)$   $x = 3935 / 160$   $x = 24,59375$

Em 2000, o Brasil já tinha mais mulheres do que homens. E essa diferença está ainda maior em 2010, é o que revela o Censo 2010 do IBGE. A diferença entre o número de mulheres e homens na população aumentou nos últimos 10 anos segundo o IBGE, que divulgou os

primeiros resultados definitivos do Censo 2010, realizado entre agosto e outubro de 2010, em 5.565 municípios brasileiros (TORRES, 2012).

Os resultados da pesquisa demonstraram que, entre os discentes de Geografia da UESC, assim como no Brasil, há, também, mais mulheres que homens. Em média, 44% dos alunos (71 discentes) são do sexo masculino e 56% (89 discentes) são do sexo feminino (GRÁFICO 1).

GRÁFICO 1 – Demonstrando a quantidade de discentes por gênero



Fonte: I Censo Geográfico da UESC, 2011.

Em relação à modalidade de curso (Bacharelado e Licenciatura), no primeiro semestre de 2012, a quantidade de discentes de Geografia da UESC se equiparava. Nesse ano, o curso dispunha de 8 (oito) turmas, sendo 4 (quatro) de cada variante, o que pode justificar, assim, a

igualdade no número de discentes regularmente matriculados.

Cerca de 33% dos discentes do curso de Geografia da UESC ingressaram na universidade através de algum tipo de sistema de cotas, e 67% obtiveram acesso por meio do vestibular da instituição. A partir de 2013, a utilização do desempenho no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) será a única forma de acesso aos cursos de graduação. Isso será feito através da adesão ao Sistema de Seleção Unificada (Sisu).

Por acreditar no relevante papel do curso de Geografia da UESC na formação dos futuros pesquisadores e professores, este trabalho vem oportunizar o início da criação de uma base de dados sistematizada e manipulada que poderá auxiliar docentes e discentes em suas pesquisas, além de servir como parâmetro para um eficaz planejamento das atividades desenvolvidas pelo Colegiado. Portanto esta pesquisa, além de oportunizar tudo isso, propicia que os resultados do I Censo Geográfico da UESC sejam como uma semente, livre, que pode fazer do futuro do curso um motivo de comemoração com melhores índices e desempenhos que, possivelmente, podem ser alcançados através desta ideia inicial.

O modelo do questionário aplicado neste trabalho, a manipulação dos dados e a logomarca do I Censo Geográfico da UESC encontram-se disponíveis para download em: <[http://www.4shared.com/rar/fx/Cgp\\_Uw/Censo\\_Geografico.html](http://www.4shared.com/rar/fx/Cgp_Uw/Censo_Geografico.html)>. Discente do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Santa Cruz. Bolsista PET (Programa de Educação Tutorial), PET Solos: agregando saberes e de Iniciação Científica (Projeto de pesquisa: “Valoração Econômica dos Recursos Naturais em Áreas Protegidas da Bahia”). E-mail: <[jeanlucasvinhas@hotmail.com](mailto:jeanlucasvinhas@hotmail.com)>.<sup>2</sup> Ao referir-me sobre o curso de Geografia, abarco suas duas modalidades (Bacharelado e Licenciatura).

## REFERÊNCIAS

DIRETÓRIO ACADÊMICO DE GEOGRAFIA MARIA CONCEIÇÃO RAMOS DE OLIVEIRA (DAGEO M<sup>3</sup>CRO). Comunicação Interna n.º 29. Solicitação de dados do curso de Geografia. Secretaria Geral de Cursos (SECREGE), Ilhéus, 5 mar. 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Resultados do universo do Censo Demográfico 2010. Brasília, DF, 2010. Disponível em:

<[ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo\\_Demografico\\_2010/Resultados\\_do\\_Universo/tabelas\\_pdf/tab1.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Resultados_do_Universo/tabelas_pdf/tab1.pdf)>. Acesso em: 30 set. 2012.

SANTOS, G. E. de O. Cálculo amostral: calculadora on-line. S.1., [200-]. Disponível em: <<http://www.calculoamostral.vai.la>>. Acesso em: 23 set. 2012.

SÝKORA, S. Mathematical means and averages: generalized heronian means. Castrano Primo, 2009. Dis-

ponível em: <[http://www.ebyte.it/library/docs/math09/Means\\_Heronian.html](http://www.ebyte.it/library/docs/math09/Means_Heronian.html)>. Acesso em: 30 set. 2012.

TORRES, D. Brasil tem quase 4 milhões de mulheres a mais que homens. [São Paulo?]: Último Segundo, 2000-2012. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/brasil+tem+quase+4+milhoes+de+mulheres+a+mais+que+homens/n1300118028219.html>>. Acesso em: 30 set. 2012.

## EDITORIAL

Em sua vigésima quarta edição, o BIG traz um conjunto de artigos e reflexões relevantes para os discentes e docentes de Geografia, em geral, constituindo, assim, um importante meio de divulgação das pesquisas relacionadas às temáticas geográficas.

O artigo “Perfil dos discentes de Geografia da Universidade Estadual de Santa Cruz: análise quanto à faixa etária, gênero, modalidade de curso e sistemas de cotas”, produzido por Jean Lucas Vinhas Medeiros (discente do curso de Geografia da UESC, bolsista PET e de I.C.), aborda os resultados do I Censo Geográfico da UESC realizado pelo Colegiado e Diretório Acadêmico de Geografia Maria Conceição Ramos de Oliveira – DAGEO M<sup>3</sup>CRO (gestão 2011/2012: por outra representatividade), no dia 25 de abril de 2012, em todas as turmas do curso.

O artigo “O Trabalho de Campo em Geografia na Educação Básica”, de Rynaldo Emanuel do Nascimento Andrade, licenciado em Geografia (UESC) e pós-graduando em Ensino de Geografia (UESC), aborda a importância da prática pedagógica da aula de campo em Geografia na Educação Básica; articula concepções, conceitos e procedimentos para que a construção do conhecimento seja eficaz no que diz respeito à qual teoria será trabalhada e, através dele, articular os procedimentos metodológicos a serem utilizados no percurso da atividade. Ressalta, ainda, a relevância do planejamento para realização deste trabalho, buscando sempre a eficácia nas práticas propostas.

O estudo realizado por Paulo Aguiar, geógrafo e mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente pela UESC, “A ciência geográfica e o ensino escolar da Geografia”, nos convida a uma reflexão a respeito do ensino escolar da Geografia, que constitui uma etapa fundamental para o estudo e compreensão dos conhecimentos desenvolvidos por essa ciência.

A pesquisa “Reflexões acerca da ciência geográfica no cotidiano escolar”, de Bianca dos Santos Fernandes e Mariana Monteles da Silva, graduadas em Geografia, pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), destaca a importância da ciência geográfica e o que a sua apreensão pode contribuir para uma compreensão e reflexão realista da sociedade.

“ A Geografia se resume na capacidade de se entender um pouco do tudo, até mesmo do que as outras ciências não entendem”

(Mariana Gueiros).

Boletim Informativo do Curso de Geografia UESC INFORME GEOGRÁFICO - ISSN 1982-8039.

Ano XII - nº 24 - JUL/AGO/SET 2013

Tiragem de 500 exemplares

Conselho Editorial: Gilmar Alves Trindade (galvestrindade@gmail.com); Tereza Genoveva Nascimento Torezani (terezatorezani@gmail.com); Jean Lucas Vinhas Medeiros (jeanlucasvinhas@hotmail.com); Ruy Eduardo Santana Santos (ruyeduardo2004@hotmail.com); Poliana Teixeira da Fonseca (polifonseca17@hotmail.com).

Fundador: Saulo Rondinelli Xavier da Silva (abr. 2001).

Colaboradores: Saulo Rondinelli Xavier da Silva (geoilheus@hotmail.com); Paulo César Bahia de Aguiar (imperadorblue@yahoo.com.br); Alan Azevedo Pereira dos Santos (alan\_geouesc@hotmail.com).

Projeto Gráfico / Diagramação: Imprensa Universitária / UESC

Revisão: Editus / UESC

Impressão: Gráfica da UESC

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não refletindo, necessariamente, a opinião do BIG. Consulte as "DIRETRIZES PARA AUTORES" em nosso Blog.

E-mail: [informegeografico@gmail.com](mailto:informegeografico@gmail.com)

Facebook – Grupo: <https://www.facebook.com/groups/informegeografico/>.

Página: <https://www.facebook.com/informegeografico>

Blog: [www.informegeografico.blogspot.com](http://www.informegeografico.blogspot.com)

Site: <http://www.uesc.br/projetos/inforgo/>

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)  
Rodovia Jorge Amado, km 16  
CEP: 45.662-900  
Ilhéus - Bahia

# O TRABALHO DE CAMPO EM GEOGRAFIA EDUCAÇÃO BÁSICA

*Rynaldo Emanuel do Nascimento Andrade*



A ciência geográfica é, sem dúvidas, aquela que busca compreender a totalidade do espaço geográfico, sem deixar de lado os recortes espaciais específicos que compõem a diversidade em sua pluralidade e especificidade. A busca pelo conhecimento se atrela à teoria e à prática do saber no intuito de revelar um mundo de conhecimento; no entanto, o que se tem feito, frequentemente, em aulas de Geografia para o ensino básico não está de acordo com o que propõe a Geografia.

Considera-se que para a compreensão da teoria proposta em sala de aula é necessário, para o melhor ensino-aprendizagem, o uso de metodologias que evidenciem a prática pedagógica geográfica de maneira plural, onde os alunos possam compreender o sentido das transformações que ocorrem no mundo. No entanto, quando buscamos metodologias que atrem a teoria com a prática, é necessário observarmos algumas pontuações para que o trabalho, que é pretendido pelos professores, não se torne, apenas, um objeto conteudista, sem um valor específico para o ensino de Geografia e para os educandos.

Por “objeto conteudista” entende-se o mesmo que uma maneira de passar conteúdo para os alunos sem se preocupar com os conceitos da ciência geográfica. É necessário que os professores de Geografia tenham em mente que, ao trabalhar determinado conteúdo em sala de aula, esse conteúdo tem um valor específico para essa ciência, alcan-

gado através do uso consciente dos conceitos.

Com o avançar do tempo, práticas pedagógicas surgiram para complementar a atuação do professor em sala de aula; e dessas diversas práticas, não apenas pedagógicas, mas de cunho científico também, a que mais se aproxima do que pretende a ciência geográfica é o trabalho de campo.

Martinez e Leme (2007, p. 3) escrevem que,

**O processo ensino-aprendizagem da Geografia, com uma proposta metodológica de construção do conhecimento, partindo da realidade vivenciada pelo aluno é o meio escolhido para alcançar o objetivo através da realização de trabalho de campo.**

Quando se pensa em trabalho de campo no ensino de Geografia é necessário refletir um pouco mais na articulação entre conceitos, teorias e procedimentos para que a construção do conhecimento seja eficaz.

Serpa (2006) traz uma reflexão teórico-metodológica a respeito da importância que o trabalho de campo tem para a Geografia. Ele elenca quatro pressupostos de articulação. O primeiro pressuposto remete à especificidade da Geografia, ou seja, frente às demais disciplinas, temos uma especificidade ligada ao espaço geográfico, portanto, temos o dever de analisá-lo como totalidade e também através de seus recortes. O segundo pressuposto revela, justamen-

te, os recortes espaciais que devem ser analisados através de metas e objetivos claros e definidos pelo sujeito da pesquisa. O terceiro pressuposto evidencia a necessidade de superar as dicotomias e ambiguidades da Geografia no que diz respeito à Geografia Física e à Geografia Humana; como observam Alentejano e Rocha-Leão (2006, p. 56) essa dicotomia “acaba por produzir, na maioria das vezes, uma abordagem eminentemente social ou natural sobre os fenômenos manifestados na superfície terrestre”. O quarto e último pressuposto é a não separação entre teoria e metodologia entre os conceitos geográficos e sua operacionalização através do trabalho de campo.

Antes de qualquer coisa, quando se pretende fazer um trabalho de campo para melhor rendimento de ensino e aprendizagem é necessário discutir qual conceito será trabalhado e através dele articular as teorias e procedimentos metodológicos a serem utilizados, como discorrem Martinez e Leme (2007, p. 4-5):

**A questão do recorte, do enfoque e do encaminhamento metodológico a serem adotados torna-se uma preocupação presente a todo o momento, pois residem aí justamente os elementos que poderão conduzir a efetivação do trabalho de pesquisa, de forma coerente com os objetivos propostos.**

Assim, podem-se definir os espaços de conceituação de forma que se adequem aos fenômenos que se deseja estudar, baseando-se sempre na totalidade sem deixar de lado, ou secundarizar, as especificidades desses arranjos conceituais (particularidade sem singularidade), pois “o trabalho de campo é um meio para que o aluno passe a desenvolver a capacidade de compreender, organizar, sistematizar, explicar e produzir conhecimento” (MARTINEZ; LEME, 2007, p. 5).

Segundo Serpa (2006, p. 20),  
**[...] não deveria haver incompatibilidade, em termos de procedimento, entre a análise da individualidade dos fenômenos e o resgate de sua dimensão histórica, nem mesmo entre uma concepção de ciência interessada na história e na mediação homem natureza e uma outra voltada para a essência dos fenômenos.**

O autor, ao se referir que não deveria haver incompatibilidade em termos de procedimentos, busca aprofundar-se na escolha do método utilizado em trabalho de campo em Geografia. Ao mesmo tempo em que se busca uma análise crítica em sua dimensão histórica, não se deve descartar a essência dos fenômenos no que se aproxima da vivência dos que agem sobre o espaço geográfico.

Em linhas gerais, o método histórico-dialético não exclui o método fenomenológico em uma análise no trabalho de campo, é até interessante que não se escolha apenas um método, mas que se utilize de outros métodos para que o aluno possa compreender que a teoria estudada em sala de aula faz sentido na prática vivenciada no trabalho de campo, como explicita Serpa (2006, p. 20):

*Enquanto métodos podem funcionar como estratégias complementares, buscando-se sempre a construção da síntese sujeito-objeto, própria ao ato de conhecer, ora utilizando-se da história enquanto categoria de análise, ora buscando-se intencionalmente abs-*

*trair a historicidade dos fenômenos, visando à explicitação de sua essência.*

Outro aspecto importante para o uso do trabalho de campo no ensino de Geografia é o planejamento. Todo professor deve estar preocupado em planejar o seu trabalho para que possíveis eventualidades não interfiram no andamento do trabalho de campo. Antes de tudo, ao fazer o planejamento, é necessário um estudo antecipado do lugar onde se pretende aplicar o trabalho, para que o professor não seja surpreendido com empecilhos e/ou questionamentos feitos pelos alunos, que ele não saiba identificar naquele lugar escolhido para o estudo.

No que concerne à execução do trabalho de campo, é importante que este seja exposto na Semana Pedagógica da Escola, logo no início do ano letivo, para que seja discutido em grupo, no coletivo com os demais professores, com o intuito de melhorar e até mesmo buscar a interdisciplinaridade.

Para concluir, é de extrema

importância que os professores de Geografia tenham noção de que

*[...] teoria e prática são indissociáveis, não existindo uma sem a outra. Sem a fundamentação teórica adequada, nosso olhar jamais ultrapassará o senso comum; por outro lado, sem conhecimento prático e vivência jamais trataremos de um bairro, cidade ou região com propriedade (VENCESLAU, 2012, p. 1).*

O exercício da teoria geográfica em sala de aula deve vir acompanhado da prática para que o aprimoramento do conhecimento da totalidade se dê através de recortes espaciais tanto em escala menor, como o bairro, quanto em escala maior, como um continente, pois os alunos devem compreender os conceitos básicos da Geografia de maneira contextualizada e através de um olhar crítico.

*Licenciado em Geografia e pós-graduando em Ensino de Geografia pela UESC. E-mail: <rinaldo1321@gmail.com>.*

## REFERÊNCIAS

ALENTEJANO, Paulo R. R.; ROCHA-LEÃO, O. M. Trabalho de campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 84, p. 51-68, jul. 2006. Disponível em: <www.agbsaopaulo.org.br/>. Acesso em: 8 jul. 2013.

MARTINEZ, A.; LEME, R. C. O trabalho de campo como metodologia de ensino de Geo-

grafia: o estudo de caso da Vila Malvina – Guará/PR. [S.l.: Createpdf, 200-?]. Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes\_pde/artigo\_adilson\_martinez.pdf>. Acesso em: 8 de jul. 2013.

SERPA, Ângelo. O trabalho de campo em Geografia: uma abordagem teórico metodológica. *Boletim Paulista de Geografia*, São

Paulo, n. 84, p. 7-24, jul. 2006. Disponível em: <www.agbsaopaulo.org.br/>. Acesso em: 8 jul. 2013.

VENCESLAU, Igor. O futuro geógrafo e ap. *Boletim Informe Geográfico*, Ilhéus, ano XI, n. 22, p. 1, abr./maio 2012. Disponível em: <http://www.uesc.br/projetos/inforgeo/inforgeo/big22.pdf>. Acesso em: 8 de jul. 2013.

# A CIÊNCIA GEOGRÁFICA E O ENSINO ESCOLAR DA GEOGRAFIA

*Paulo Aguiar<sup>1</sup>  
Nelma Lima<sup>2</sup>*

A ciência geográfica, ramo do saber de categoria interdisciplinar, ocupa importante posição entre as ciências sociais, e os saberes desenvolvidos por essa ciência são estratégicos e conferem poder político e econômico a quem os detêm (OLIVEIRA, 2008).

O ensino escolar dos saberes e conteúdos dessa disciplina são de fundamental importância para a construção do educando e para o seu posicionamento, enquanto agente atuante, no contexto social, pois contribui como instrumento de conscientização e, por conseguinte, de politização.

Para que a eficácia dos saberes e conteúdos da geografia se efetivem no aprendizado e na contribuição para a

construção do educando enquanto sujeito social, é necessário que os educadores dessa disciplina detenham significativa formação, dominem as bases epistemológicas dessa ciência, sejam capazes de refletir sobre sua prática educativa, levando os educandos à reflexão sobre a forma como a sociedade está organizada no espaço e sobre as ideologias que estão postas e impostas em nossa sociedade.

Nesse sentido, este artigo se propõe ser ligeira contribuição, norteados a partir dos seguintes objetivos: apresentar breves reflexões/considerações sobre a ciência geográfica, dando ênfase à importância do seu objeto de estudo; a importância do ensino escolar da geografia; e o papel dos recursos didáticos

como meios auxiliares ao ensino-aprendizagem de geografia.

Como metodologia básica, fez-se levantamento de material bibliográfico e documental (impresso e publicado na internet) sobre o assunto em questão. O estudo e reflexão a partir da leitura do conteúdo nesses materiais (PCNs de Geografia, artigo, livros e revista) permitiram que fossem escolhidos os três pontos básicos contemplados nos objetivos e que se tecessem breves reflexões sobre eles.

A Geografia é uma ciência social que tem por objeto de estudo o espaço geográfico. Segundo Moreira (2007), o conhecimento da natureza e das leis do movimento da formação econômico-so-

cial, por intermédio do espaço, é o seu objetivo.

Pensar o estudo dessa ciência ou o ensino escolar dos seus conteúdos nos remete, em primeira instância, à necessidade imperiosa da busca pelo entendimento e compreensão do seu objeto de estudo.

A palavra espaço permite diferentes aplicações, definições e concepções, a depender da intenção e sentido de quem a está utilizando, ou mesmo da linha de pensamento ou do ramo do saber de que se propõe a apreendê-la.

No entanto, ao nos referirmos especificamente ao espaço geográfico, a sua concepção deve se dar, de forma inequívoca, associada à da presença humana sobre a superfície da Terra. Presença humana essa que se dá não de forma estática, mas sim enquanto agente modelador e transformador da natureza.

E é essa ação humana transformadora exercida sobre a natureza, através do trabalho, intermediado por técnicas, no transcorrer do tempo, que converte o meio natural em espaço geográfico, pois o espaço geográfico é uma construção humana – um espaço socialmente construído.

Essa ação humana transformadora exercida sobre a natureza é possibilitada, em primeira instância, a partir de uma capacidade que é peculiar ao ser humano e que o distingue dos outros animais. A essa capacidade denominamos de razão, que pode ser entendida como a capacidade que o ser humano possui de produzir conhecimento através da capacidade de raciocinar, permitindo-lhe agir conscientemente.

É a partir da razão que o ser humano consegue desenvolver técnicas e objetos com funções pré-estabelecidas, construir e desenvolver cultura, e exercer trabalho consciente, físico/mental aproveitando energia potencial (LEMBO; SARDELLA, 1981), ou seja, imprimir uma força, uma ação transformadora (sobre a natureza) com a finalidade de alcançar um objetivo, um resultado.

Normalmente, o ser humano exerce ação sobre a natureza objetivando retirar dela elementos necessários a atender as suas necessidades reais, como alimento, água, moradia, vestimenta etc. Ou seja, extrair da natureza os elementos essenciais à sua sobrevivência; ou mesmo para atender às suas necessidades imaginárias, que são aquelas necessidades criadas individualmente ou por um grupo específico e repassadas para o restante da sociedade, mas que não são essenciais à sua sobrevivência.

Nas definições clássicas da Geografia, conforme salienta Santos (1988), o seu objeto de estudo era entendido como resultante da interação entre ho-



mem e natureza bruta. Ou, mais recente, entendido o espaço geográfico como um amálgama formado pela sociedade de hoje e o meio ambiente. Santos (1988), no entanto, pontua que nenhuma dessas duas definições contempla o que realmente vem a ser o espaço geográfico.

Uma das definições mais marcantes e utilizadas por muitos autores para o objeto de estudo da Geografia é a de espaço geográfico como sendo um produto histórico e social da interação sociedade e natureza. Contudo, Santos (1998, p. 3), abordando especificamente a questão do meio ambiente, salienta que “o homem se relaciona com uma sociedade cheia de espaço, mas não com a natureza. Porque não há dialética do homem com algo que não tem finalidade como a natureza. A natureza não tem finalidade, ela não busca nada”. Para Santos (1988, p. 26), o espaço geográfico deve “ser considerado como um conjunto indissociável de que partici-

pam de um lado certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento”. Assim, ele propôs “entender o espaço [geográfico] como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações” (SANTOS, 1997, p. 90); uma instância da sociedade, uma estrutura subordinada-subordinante, dispondo de certa autonomia, mas condicionante da sociedade (SANTOS, 1978); e que se configura na atualidade enquanto um meio Técnico-Científico-Informacional (SANTOS, 1997; 2009).

É importante frisar que, enviados na linha crítica da Geografia, estes foram modelos propostos por Santos, em diferentes momentos, visando tentar apreender o espaço geográfico.

Segundo Ballestero,

El espacio se construye y re-configura a través de las prácticas que en él, o a la distancia, impactan su (des) organización. Em primera instancia, pensar en el espacio de esta forma nos refiere a la idea de espacio geográfico, reconocido como resultado de la interconexión entre

flujos económicos, políticos y culturales. Por lo tanto, lo aceptamos como socialmente construido; no como independiente de las sociedades que lo ocupan. Aunque este concepto inicial nos lleva a considerar el espacio geográfico como construido a través de las prácticas que en el mismo se desenvuelven, la globalización nos ha enseñado que, eventos distantes geográficamente, adquieren relevancia en la re-constitución de un espacio [...]. Otro espacio, coexistente con el geográfico, es el espacio político, el cual, entendido como un producto local, ha recibido menos atención (2009, p. 307).

Dentro da ciência geográfica algumas categorias de análise básicas são essenciais enquanto desdobramentos do seu objeto de estudo, e que servem como meios de análise. Essas categorias de análise básicas da Geografia são: “território”, “região”, “paisagem” e “lugar”

(BRASIL, 1998).

O ensino escolar da Geografia se constitui etapa fundamental para o estudo e compreensão dos conhecimentos desenvolvidos pela ciência geográfica, pois permite acesso aos conhecimentos desenvolvidos por essa ciência a um nível compreensível ao educando, permitindo-lhe fazer articulações com a realidade do seu contexto vivido.

Na educação escolar, os conhecimentos a serem ensinados aos educandos não são nem os conhecimentos científicos do ramo do saber geográfico, propriamente ditos, nem conhecimentos inferiores ao científico, mas sim conhecimentos reelaborados para atender à realidade do nível médio cognitivo dos educandos e o ensino aos quais se propõem atender. Sendo assim, segundo Oliveira (2005), é fundamental que o professor participe do debate teórico-metodológico que vem sendo travado nas universidades. É através de sua inserção nesse debate que fará a sua opção consciente acerca do caminho crítico que a geografia e a escola devem ter.

Dentro do processo ensino-aprendizagem escolar dos conteúdos dessa disciplina, a busca pelo entendimento e compreensão do objeto de estudo da Geografia, ou de aspectos dele, deve estar no cerne do processo e não deve ser perdido de vista, e as categorias de análise básicas dessa ciência devem ser trabalhadas como desdobramentos do espaço geográfico (BRASIL, 1998).

A utilização de recursos didáticos se constitui meio auxiliar de suma importância no processo ensino-aprendizagem escolar da Geografia, pois contribui de forma dinâmica e facilitadora para a transmissão e aprendizado dos conteúdos dessa disciplina. E dentre esses recursos didáticos tem-se desde os mais tradicionais, como o quadro de giz, aos mais atuais e que possuem um nível de complexidade maior, a exemplo das

tecnologias da informação e comunicação atuais.

No entanto, é importante chamar a atenção para o fato de que um recurso tecnológico, em si, não se constitui em um recurso didático. Um recurso tecnológico só se torna um recurso didático quando sua utilização se dá através de um planejamento prévio, com objetivos pré-estabelecidos, metodologia própria, e visando obter um resultado educativo, ou seja, para contribuir com o processo ensino-aprendizagem. Caso esses critérios não sejam estabelecidos e satisfeitos, o recurso se constituirá apenas em recurso tecnológico/ferramenta para obter informação, coletar dados, fazer pesquisa etc.

Além dos recursos tecnológicos, que podem ser utilizados como recursos didáticos, a exemplo do tradicional quadro de giz, do rádio, da televisão, do DVD, do Data show, do computador, da internet, softwares etc., outros tipos de recursos podem ser utilizados com grande eficácia como recurso didático, a exemplo da aula de campo – sendo esta considerada uma das mais eficazes, pois permite ao educando observar e experienciar, na prática, conteúdos da disciplina, além de permitir-lhe construir seus próprios conceitos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) recomendam que a utilização de certos recursos tecnológicos que possuem um nível de complexidade maior se dê a partir do 4º Ciclo escolar (8º e 9º ano), pois, em média, é a partir dessa fase do ensino que os educandos apresentam um nível cognitivo mais apto para guardar imagens e memorizar informações (BRASIL, 1998).

Todos os recursos didáticos possuem a sua eficácia na contribuição para o processo ensino-aprendizagem, mesmo o tão criticado e tradicional quadro de giz, quanto a aula de campo, ou mesmo os recursos da comunicação e

informação atuais (que apresentam um nível de complexidade maior), reque-rendo apenas o devido planejamento de sua utilização, por parte do professor, para que sua eficácia se efetive.

No entanto, a grande questão problemática é que muitos profissionais do ensino de Geografia têm apresentado deficiências na utilização dos diferentes recursos na condição didática, bem como, conforme pontua Bomfim (2004, apud BOMFIM, 2006), pesquisas têm indicado que a maioria dos professores não domina as bases epistemológicas dessa ciência e, como consequência, tem dificuldades em trabalhar as noções básicas de Geografia e Cartografia, na Geografia escolar.

Do exposto neste artigo despreende-se que a Geografia é uma ciência social de caráter interdisciplinar que, para tentar explicar o seu objeto de estudo (o espaço geográfico), recorre a conhecimentos de outros ramos do saber. Algumas categorias de análise básicas são essenciais como desdobramentos do objeto de estudo dessa ciência e como meios auxiliares à sua compreensão. O ensino escolar dessa disciplina deve ter em vista como elemento primordial de compreensão e explicação o espaço geográfico, a partir de sua materialização no âmbito social. Os recursos didáticos são importantes meios auxiliares ao processo ensino-aprendizagem escolar de Geografia. Todo recurso didático tem sua eficácia, requerendo apenas o devido planejamento de sua utilização, por parte do professor, para que ele se efetive.

<sup>1</sup>Geógrafo e mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), em Ilhéus, Bahia. E-mail: <prof.pauloaguilar@bol.com.br>.

<sup>2</sup>Graduada em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus VI de Caetité, Bahia. E-mail: <nelmalima06@hotmail.com>.

## REFERÊNCIAS

BALLESTERO, A. Construcción del espacio político a través de las prácticas locales: Bajo Jaguaribe y la política de recursos hídricos de Ceará. In: ELIAS, D.; PEQUENO, R. (org.). **Difusão do agronegócio e novas dinâmicas socio-espaciais**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2006.

BOMFIM, N. R. **Représentations sociales de l'espace et enseignement et apprentissage de la géographie scolaire: le cas des élèves favelados d'une ville**

du nord-est du Brésil. Montreal, 2004. Tese (Doutorado em Educação)– Universidade do Quebec, Montreal, 2004.

\_\_\_\_\_. Geografia escolar: qual o seu problema? **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 7, n. 18, p. 123-133, jun. 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia**. Secretaria de Educação Fun-

damental. Brasília: MEC: SEF, 1998.

LEMBO, A.; SARDELLA, A. **Química**. São Paulo: Ática, 1981.

MOREIRA, R. **Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. São Paulo: Contexto, 2007.

OLIVEIRA, A. U. de. **Para onde vai o ensino de geografia?** São Paulo: Contexto, 2005.

OLIVEIRA, C. G. S. de. A Geografia como disciplina: trajetória nos currículos escolares do Brasil e o seu ensino como questões centrais da discussão. In: TRINDADE, G. A.; CHIAPETTI, R. J. N. (org.). **Discutindo Geografia: doze razões para se (re)pensar a formação do professor**. Ilhéus: Editus, 2008.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. São Paulo: HUCITEC, 1978.

\_\_\_\_\_. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: HUCITEC, 1988.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. 3. ed. São Paulo: HUCI-

TEC, 1997.

\_\_\_\_\_. Temos tudo para construir uma nova sociedade. **Democracia Viva**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 60-81, fev. 1998. (Entrevista).

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

## REFLEXÕES ACERCA DA CIÊNCIA GEOGRÁFICA NO COTIDIANO ESCOLAR

Bianca dos Santos Fernandes<sup>1</sup>  
Mariana Monteles da Silva<sup>2</sup>

Verificando-se o processo de ensino-aprendizagem em diversas áreas da educação, inclusive da ciência geográfica, observa-se uma forte tendência de se utilizar, nas salas de aula, as metodologias tradicionais. Tal realidade, vivenciada nas unidades de ensino brasileiras, acaba por engessar a prática docente desencadeando atitudes mecanicistas nos alunos, que optam pela prática de memorização de fatos e informações.

Nesse sentido, a função do ensino se dissolve, pois as aulas não passarão de um cumprimento de obrigação, fugindo do princípio básico educativo, que é o de proporcionar aos discentes o desenvolvimento das capacidades cognitivas ou intelectuais, motoras, de equilíbrio e autonomia pessoal, de relação intrapessoal e de inserção e atuação social.

A escola deve promover a formação integral do alunado, proporcionando um modelo educacional holístico e para a vida. A prática educativa deve buscar a formação de cidadãos e cidadãs que vivem, lutam e que interagem coletivamente; e coletivamente devem construir os alicerces pedagógicos. As aulas devem despertar o interesse dos alunos, cativando-os e motivando-os para o processo de ensino-aprendizagem.

Souza e Katuta (2001) entendem que, ao procurar um sentido para a escola e para o ensino de geografia, o fazemos partindo do pressuposto de que ambos podem se tornar elementos importantes para o entendimento da realidade da comunidade escolar e, também, para proporcionar acesso a uma forma de pensar e entender a própria escola e a sociedade como um todo, por meio dos conhecimentos científicos construídos e acumulados pela humanidade.

Faz-se necessário, assim, trazer para o cotidiano escolar a importância da ciência geográfica, e o que a sua apreensão pode contribuir para uma compreensão e reflexão realista da sociedade. As discussões podem ocorrer direta e indiretamente por meio da aplicação de metodologias que suscitarão, no espaço de aprendizagem formal, a apreensão de um conjunto de habilidades, noções, valores e diferentes formas de pensar e agir na realidade.

Assim, entende-se que a adoção de novas metodologias em sala de aula, tais como a utilização de jogos educativos, construção de maquetes, leitura e interpretação de mapas, realização de aulas de campo, dentre outras atividades, trarão um incremento para as aulas, e, de acordo com o encadeamento das atividades propostas, possibilitarão aos alunos um novo entendimento da lógica de aprendizagem, trazendo-os para o contexto do processo construtivo de educação.

Portanto os discentes se reconhecerão como partícipes da paisagem, escapando daquela regra ideológica de não sujeitos, de não produtores do espaço. Ora, se o espaço é geográfico, entende-se este arranjo como uma totalidade de objetos transformados. Assim, acima de tudo, os alunos tornar-se-ão transformadores dele.

Portanto os discentes se reconhecerão como partícipes da paisagem, escapando daquela regra ideológica de não sujeitos, de não produtores do espaço. Ora, se o espaço é geográfico, entende-se este arranjo como uma totalidade de objetos transformados. Assim, acima de tudo, os alunos tornar-se-ão transformadores dele.



<sup>1</sup>Graduada em Geografia pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e mestranda em Sustentabilidade de Ecossistemas pela UFMA. E-mail: <biageofernandes@hotmail.com>.

<sup>2</sup>Graduada em Geografia pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e pós-graduanda em Gestão do Meio Ambiente e Educação Ambiental pelo Instituto de Ensino Superior Franciscano (IESF-MA). E-mail: <marimonteles@botmail.com>.

### REFERÊNCIAS

SOUZA, J. G. de; KATUTA, A. M. **Geografia e conhecimentos cartográficos: a cartografia no movimento de renovação**

da geografia brasileira e a importância do uso de mapas. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

## 2º SEMINÁRIO BAIANO DE SOLOS

Entre os dias 5 e 8 de novembro de 2013, no Auditório Paulo Souto, da Universidade Estadual de Santa Cruz, em Ilhéus, Bahia, ocorreu o II Seminário Baiano de Solos, com o tema central: **Solo: alicerce para a vida**. O evento foi apoiado pelo Departamento de Ciências Agrárias e

sentações de trabalhos científicos.

Como na primeira edição, a comissão organizadora preocupou-se em trazer palestrantes referenciais na área, tais como: Prof. Dr. Antonio Enedi Boaretto (USP/CENA), Prof. Dr. Fabrício de Araújo Pedron (UFMS), Prof. Dr. Jorge Gonzaga

Dr. Carlos Ernesto Schaefer (UFV), Prof. Dr. Elpídio Inácio Fernandes Filho (UFV) e Prof. Dr. Paulo Klinger Tito Jacomine (Comitê Executivo de Classificação de Solos e Prof. Sênior da UFRPE). Na oportunidade, após a conferência de encerramento, a professora Ana Maria Souza dos Santos

Moreau, presidente do evento, anunciou que em 2014 o terceiro Seminário será realizado em conjunto com a segunda Reunião Nordestina de Ciência do Solo. Esses eventos terão como tema central: **Agenda de uso e conservação dos solos: por que não?**, e serão realizados em novembro de 2014, no

Centro de Convenções de Ilhéus, Bahia. Como de praxe, ao final do Seminário, uma árvore foi plantada, simbolizando o respeito pelo solo e sua preservação.



Ambientais, grupo PET Solos: agregando saberes e pela Empresa Júnior de Agropecuária. A programação do seminário contou com conferências, minicursos, mesas redondas e apre-

(UFRB), Prof. Dr. Antônio Azevedo (USP), Prof. Dr. Teógenes Senna de Oliveira (UFV), Prof. Dr. Luciano Souza (UFRB), Prof. Dr. Marco Antônio Tomasoni (UFBA), Prof.

participe  
do  
**BIG!**

Envie o seu artigo e tenha a chance de participar das próximas edições.

Para maiores informações acesse:

[www.informegeografico.blogspot.com.br/2008/11/diretrizes-para-autores.html](http://www.informegeografico.blogspot.com.br/2008/11/diretrizes-para-autores.html)